



DO AMOR NINGUÉM FOGE

A EXPERIÊNCIA DAS APACS

NO BRASIL

Eu olho outra vez as imagens da exposição “Do amor ninguém foge”, releio os textos e novamente digo a mim mesma: «esta experiência está no limite do inimaginável”. No Meeting de Rimini, porém, se encontravam justamente as pessoas de quem fala essa exposição, eu vi seus rostos, eu ouvi as suas vozes. Essa mesma experiência vivenciaram outros milhares. E continuam a vivenciar, tanto na Itália como no resto do mundo, aqueles que visitam a exposição. Quando nossos amigos do Brasil nos contaram da APAC e de seu fundador, não sabíamos nada sobre essa experiência. Mas, desde as primeiras conversas que tivemos por Skype, percebemos que havia algo de realmente novo que valia a pena conhecer. Algo tão diferente, tão incrivelmente atraente, que era necessário encontrar.

Nosso amigo espanhol Javier Restán, então, foi ao Brasil para conhecer a experiência da APAC. Meses de trabalho, de diálogo e de amizade geraram essa exposição. Assim, precisamente no ano da Misericórdia, no Meeting de Rimini, esteve presente a narração de uma história que permite-nos tocar com a mão a força regeneradora do amor. A exposição fala de vidas que mudaram, do perdão dado e recebido, de histórias incríveis. Todos, na verdade, queremos ser amados e olhados como são os «recuperandos» da APAC. A exposição atrai e comove, porque nos põe diante de um amor que qualquer um de nós gostaria de encontrar, um amor capaz de abraçar tudo aquilo que somos. «O detento é um grande mistério», disse Mario Ottoboni, fundador da APAC, «e nossa primeira atitude deve ser a de nos colocar de joelhos e admitir que não sabemos nada e temos diante de nós um mundo novo a descobrir.» O olhar que temos sobre os outros, e até mesmo sobre nós mesmos, muitas vezes é um olhar tão distraído que esquece completamente desse mistério infinito, e apenas se preocupa em usar, em fazer funcionar, subjugando o outro ou o próprio coração.

Esta exposição volta a despertar a esperança e o entusiasmo pela experiência humana, a de si mesmo, em primeiro lugar, e a de todo homem. Nos faz acreditar que histórias como as contadas aqui são replicáveis e podem mudar a sociedade. Receber no Meeting de Rimini essa experiência excepcional tem sido um dom. A Fundação Meeting é grata àqueles que a desenvolveram e à AVSI, sem cuja colaboração não seria possível realizar a exposição.

Emilia Guarnieri

Presidente da Fundação Meeting per l'amicizia fra i popoli



Esse catálogo e sua exposição só foram possíveis graças à AVSI Brasil e à Fundação AVSI.

DO AMOR NINGUÉM FOGE

A EXPERIÊNCIA DAS APACS

NO BRASIL

JAVIER RESTÁN

FOTOGRAFIAS DE MARINA LORUSSO E ANTONELLO VENERI

EXPOSIÇÃO REALIZADA PARA A
XXXVII EDIÇÃO DO MEETING DE RIMINI
A CARGO DE JAVIER RESTÁN, JACOPO SABATIELLO,
FABRIZIO PELLICELLI E JULIÁN DE LA MORENA

AVSI BRASIL / FUNDAÇÃO AVSI 2017

Autor: JAVIER RESTÁN MARTÍNEZ

Exposição realizada para a XXXVII Edição do Meeting de Rimini
a cargo de: JAVIER RESTAN, JACOPO SABATIELLO,
FABRIZIO PELLICELLI E JULIAN DE LA MORENA

Fotografias: Marina Lorusso e Antonello Veneri

Desenho e Layout: ARMANDO BERNABÉU GRANADO

Tradução: Paula Alves

Revisão: BH Press

Impressão: Gráfica e Editora O Lutador

Copyright © da publicação: JAVIER RESTÁN MARTÍNEZ

Copyright © das fotografias: MARINA LORUSSO E ANTONELLO VENERI

INDICE

09 APAC, UM PROJETO À SERVIÇO DA VIDA

12 1. DE ONDE NASCE ESSA EXPERIÊNCIA

- 13 AQUELA AUDÁCIA INGÊNUA.
- 15 PRISÕES NO BRASIL. UM SISTEMA FRACASSADO.
- 17 QUEM SÃO ESSES 711.463 HOMENS E MULHERES PRESOS?
- 18 “CONHECE-SE CONVIVENDO” .
- 22 NÃO BASTA PRENDER, É PRECISO RECUPERAR.

24 2. NA PRISÃO

- 25 “AQUI ENTRA O HOMEM, O DELITO FICA LÁ FORA”.
- 26 OS “RECUPERANDOS”: UMA MUDANÇA DE LINGUAGEM, UMA MUDANÇA DE CRITÉRIO.
- 27 “AQUI ME CHAMAM PELO NOME”.
- 29 OS CENTROS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL.
- 30 UMA PRISÃO SEM ARMAS E SEM POLÍCIA.
- 32 A VIDA COTIDIANA: TUDO É PENSADO PARA O BEM.
- 34 “RECUPERANDO AJUDANDO RECUPERANDO.” UM SISTEMA DE AUTO RESPONSABILIDADE.

36 3. O METODO APAC

- 39 DEVOLVENDO A CONFIANÇA.
- 40 “NINGUÉM É IRRECUPERÁVEL”.
- 42 A FAMÍLIA: CUIDAR DOS VÍNCULOS ESSENCIAIS DA PESSOA.
- 44 O TRABALHO COMO INSTRUMENTO DE RECUPERAÇÃO.
- 45 AS JORNADAS DE LIBERTAÇÃO COM CRISTO.

48 4. RESGATANDO VIDAS, CONTRUINDO UMA NOVA SOCIEDADE

- 49 UMA OBRA NASCIDA DA SOCIEDADE, DA PESSOA.
- 50 A SOCIEDADE SE MOBILIZA PELA APAC.
- 52 O PODER JUDICIÁRIO CONFIA NA APAC.
- 55 O PROGRAMA “NOVOS RUMOS”.
- 56 A EXPERIÊNCIA APAC RECONHECIDA COMO POLÍTICA PÚBLICA.
- 58 DO BRASIL AO MUNDO INTEIRO.
- 60 O CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO MÉTODO APAC.

62 5. O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA APAC

- 62 QUEM É A APAC?
- 64 FRANZ ENTREGOU TUDO.
- 66 VOLUNTÁRIOS: “SACRIFICAMOS NOSSA LIBERDADE PARA QUE OS ‘RECUPERANDOS’ SEJAM LIVRES”

68 6. DE VOLTA PARA CASA

- 69 RESGATANDO VIDAS. UMA VERDADEIRA JUSTIÇA RESTAURATIVA.
- 72 O CAMINHO PARA O PERDÃO.
- 74 ENCONTRAR A VÍTIMA: UM MISTÉRIO DE RECONCILIAÇÃO.
- 76 “DO AMOR NINGUÉM FOGE”.
- 79 MISERICÓRDIA E JUSTIÇA.

APAC. UM PROJETO À SERVIÇO DA VIDA.

Nas profundezas da humanidade, em prisões sujas e fétidas, milhares de seres humanos, condenados pela Justiça, cumprem suas penas. Deixados à própria sorte, negligenciados por uma sociedade cheia de preconceitos, são tratados diariamente como escória, como lixo, como seres sem utilidade alguma. Vindo das profundidades, se escuta um clamor impetuoso, e Deus, em um gesto de profunda compaixão, se apoia sobre essa parcela de humanidade ferida e desce para libertá-la.

Em resposta a esse clamor, como materialização da misericórdia do Criador, que não se satisfaz com o sofrimento de seus filhos, nasce em 1972, em São José dos Campos (São Paulo), sob a liderança do advogado e jornalista Mario Ottoboni, a APAC, que significa Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, ou, em sua definição de cunho espiritual, Amando o Próximo, Amarás a Cristo. É uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que busca a recuperação do preso, a proteção da sociedade, o alívio das vítimas e a promoção da justiça restaurativa.

APAC é, sem dúvida, um projeto à serviço da vida. Embora não seja um modelo fechado e pronto, muito menos perfeito, surge no final do século passado como uma alternativa viável para o sistema prisional, que é uma realidade caótica desde a origem do nosso país. Dessa forma, nasce a APAC, como um sinal de luz e de esperança para aqueles que se encontram em situação de escuridão, de esquecimento e de privação de liberdade.

“Do amor ninguém foge” é um livro que se propõe apresentar de uma maneira forte, clara e breve, a experiência da APAC e, especialmente, o que nós chamamos de Método APAC: o conjunto de elementos com os quais se tenta recuperar a pessoa do preso, recompondo sua vida e sua personalidade, muitas vezes quebrada em mil pedaços.

Não é apenas um livro que resume e introduz de maneira eficiente a experiência APAC, mas que, por meio das belíssimas fotografias, quase permite ver e tocar aquilo que se vive em nossos centros de reclusão.

Como pode ser visto nas páginas deste livro, atualmente mais de 40 APACs administram Centros de Reintegração Social (unidades de reclusão de condenados de médio ou grande porte) em seis estados brasileiros. Nelas, não há presença de policiais ou agentes penitenciários: os detentos possuem as chaves da prisão e cuidam da limpeza, organização, disciplina e segurança, em um trabalho de cogestão com os responsáveis das APACs, voluntários e pessoal administrativo, presentes em cada centro. Essa é uma experiência que se espalha por todo o Brasil e por outros 20 países, ainda que em alguns lugares estejam sendo aplicados os elementos do método de maneira parcial.

Os condenados nas prisões APAC são chamados de “recuperandos”. Este termo, dentro de uma proposta de valorização humana que se desenrola em centros APAC, é perfeitamente admissível. O uso de expressões como “preso”, “interno”, “condenado”, “reeducando”, “encarcerado”, entre outros, ainda que representem termos mais corretos, não deixam de indicar um desprezo, uma desvalorização da pessoa. A recuperação no Método APAC se preocupa em abarcar todos os aspectos da pessoa: saúde, educação, capacitação, profissionalização, valorização humana, espiritual, entre outros. Portanto, a palavra “recuperando” é a mais adequada para os homens ou as mulheres que cumprem penas no centro APAC.

Embora o movimento das APACs seja relativamente recente, se percebe um crescente interesse em sua metodologia, especialmente tendo em vista seus resultados positivos: uma reincidência drasticamente inferior a que se encontra no sistema comum, um baixo custo para o orçamento do Estado e raríssimos casos de fugas, indisciplina, rebeliões ou mesmo episódios de violência.

Por esta razão, tem grande importância um livro como esse, já que representa um testemunho muito claro do serviço à vida prestado nos centros APAC. É o testemunho de reconstrução das vidas de centenas de pessoas e, portanto, um serviço inegável para a sociedade.

Valdeci Antonio Ferreira
Diretor Executivo da FBAC





DE ONDE NASCE ESSA EXPERIÊNCIA?

AQUELA AUDACIA INGENUA

Nos anos 1970, um grupo de cristãos comprometidos com as atividades da pastoral carcerária de São Paulo, começou a passar um tempo com alguns detentos da penitenciária de São José dos Campos. No início, a preocupação deles era somente a de acompanhar os condenados na situação dramática em que se encontravam: além da falta de liberdade, os detentos tinham que suportar condições terríveis de superlotação e um tratamento desumano e violento.

Nasceu, assim, em uma prisão de São José dos Campos, um pequeno grupo de voluntários cristãos liderados por um advogado, Mario Ottoboni. O grupo decidiu se autodenominar **Amando o Próximo, Amarás a Cristo**, nome que expressava o cerne daquilo que os movia àquele difícil caminho. A iniciativa deu origem a primeira APAC. Aquela experiência, que hoje pode parecer quase ingênua, mudaria para sempre suas vidas e, ao mesmo tempo, a de milhares de detentos no Brasil.

Porém, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais evidente que simplesmente fazer companhia aos presidiários, proporcionando uma possível humanização de suas condições de vida, não era suficiente para mudar aquela situação. Em **1974**, o grupo

DO AMOR NINGUÉM FOGE

1. De onde nasce essa experiência?

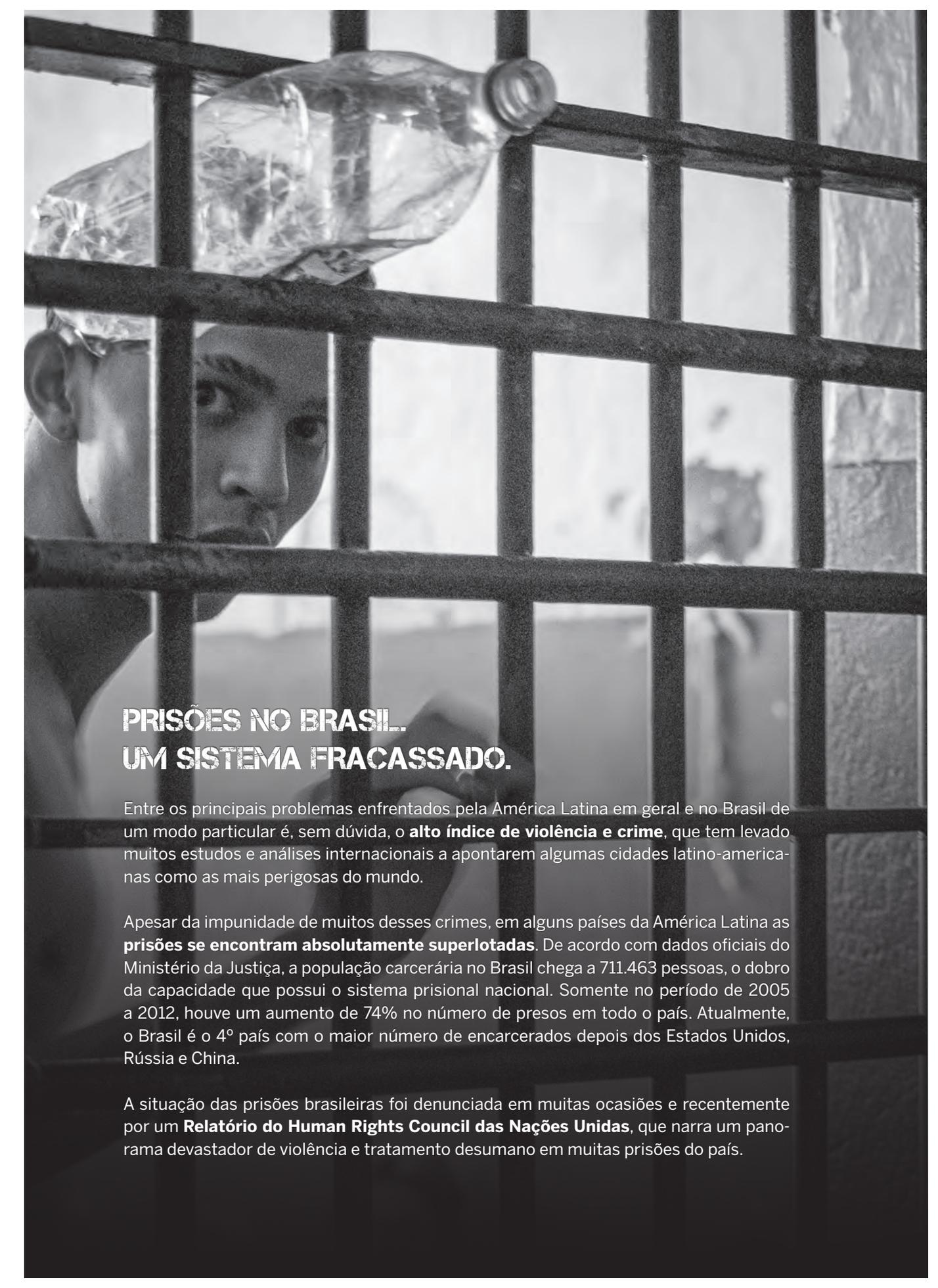
decidiu dar um passo a mais, fundando a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, cujas iniciais coincidiam com a original APAC. Tratava-se de uma organização sem fins lucrativos, nascida para colaborar diretamente com a administração penitenciária na melhoria do sistema carcerário.

Um passo decisivo para a história da APAC foi o pedido feito por um juiz à associação: administrar um pavilhão de detentos em regime fechado, na penitenciária de Humaitá, em São José dos Campos, próximo a São Paulo. Pouco depois, outro juiz, dessa vez no estado de Minas Gerais, pediu para que os mesmos gerissem, pela primeira vez, uma prisão inteira na cidade de Itaúna. Era uma possibilidade ainda não imaginada por eles. Entretanto, aceitaram ambos os desafios, desencadeando um processo de crescimento inesperado da experiência APAC.



**"A MISERICÓRDIA DE DEUS, CAPAZ
DE TRANSFORMAR OS CORAÇÕES, É
TAMBÉM CAPAZ DE TRANSFORMAR AS
GRADES EM EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE"**

Papa Francesco

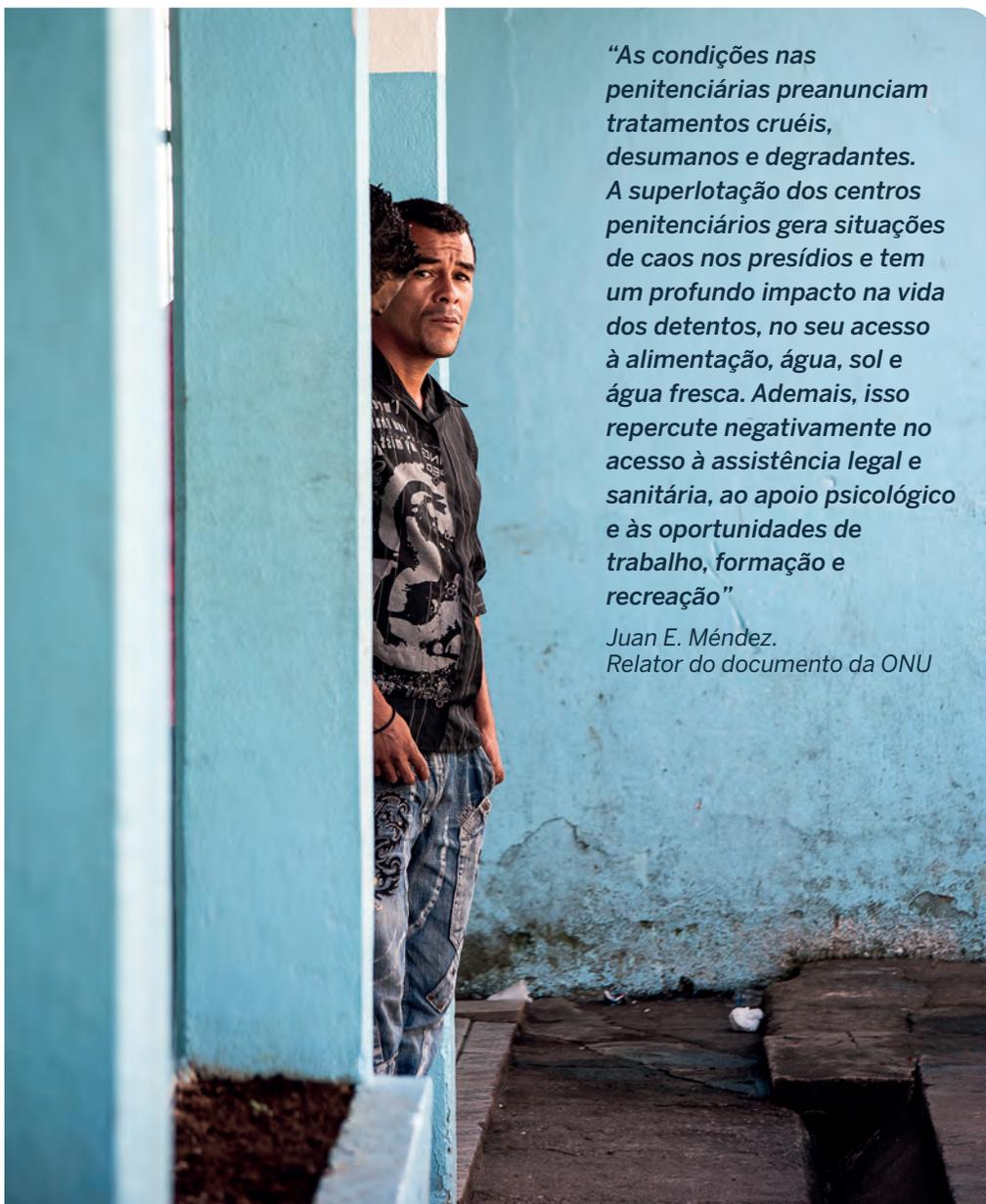


PRISÕES NO BRASIL. UM SISTEMA FRACASSADO.

Entre os principais problemas enfrentados pela América Latina em geral e no Brasil de um modo particular é, sem dúvida, o **alto índice de violência e crime**, que tem levado muitos estudos e análises internacionais a apontarem algumas cidades latino-americanas como as mais perigosas do mundo.

Apesar da impunidade de muitos desses crimes, em alguns países da América Latina as **prisões se encontram absolutamente superlotadas**. De acordo com dados oficiais do Ministério da Justiça, a população carcerária no Brasil chega a 711.463 pessoas, o dobro da capacidade que possui o sistema prisional nacional. Somente no período de 2005 a 2012, houve um aumento de 74% no número de presos em todo o país. Atualmente, o Brasil é o 4º país com o maior número de encarcerados depois dos Estados Unidos, Rússia e China.

A situação das prisões brasileiras foi denunciada em muitas ocasiões e recentemente por um **Relatório do Human Rights Council das Nações Unidas**, que narra um panorama devastador de violência e tratamento desumano em muitas prisões do país.



“As condições nas penitenciárias preanunciam tratamentos cruéis, desumanos e degradantes. A superlotação dos centros penitenciários gera situações de caos nos presídios e tem um profundo impacto na vida dos detentos, no seu acesso à alimentação, água, sol e água fresca. Ademais, isso repercute negativamente no acesso à assistência legal e sanitária, ao apoio psicológico e às oportunidades de trabalho, formação e recreação”

*Juan E. Méndez.
Relator do documento da ONU*

No Brasil já se reconhece que o sistema penitenciário comum é um fracasso. O Estado se move totalmente desorientado ante a esse problema que, sem dúvida, é extremamente complexo. A sociedade em sua maioria olha para o lado e se contenta com ações repressivas que eliminem o problema de qualquer maneira. Grande parte da população, submetida diariamente ao assédio da violência urbana e ao medo de ser afetada por ela, apoia a pena de morte para os presos e não se opõe a métodos policiais que, muitas vezes, não respeitam direitos humanos mais básicos.



QUEM SÃO ESSES 607.731 HOMENS E MULHERES PRESOS?

O sistema penitenciário cria um ciclo vicioso: a violência e desumanidade que se vive dentro das prisões se transforma, em muitas ocasiões, em um viveiro de crime, em vez de tornar-se um lugar de recuperação de pessoas para a sociedade.

A prova deste ciclo vicioso é a taxa de reincidência daqueles que passaram por prisões comuns: em muitos lugares chega a 85%.

Mas quem é este homem preso? Esta é a pergunta que se fizeram as pessoas que iniciaram a experiência APAC. Os dados estatísticos da população carcerária brasileira mostram que a maior parte dos presos:

- provêm de famílias desfeitas e desestruturadas;
- são dependentes de álcool ou drogas;
- provêm de regiões com alta taxa de pobreza;
- são analfabetos funcionais;
- são portadores de doenças;
- não possuíam trabalho no momento do crime.

No entanto, depois de contemplar estes dados, você saberia realmente dizer quem é esse homem e essa mulher que vai passar anos em uma cadeia?



"CONHECE-SE CONVIVENDO"

A grande transformação na trajetória da APAC ocorreu na década de 1980, quando um juiz confiou a essa **organização a administração de um pavilhão de regime fechado dentro de uma prisão de Humaitá (São Paulo)**. A APAC não havia nascido inicialmente para esse fim. Não estava em seus planos a possibilidade de gerenciar prisões, mas sim de promover a recuperação humana e a reinserção social dos presos. No entanto, ao responder afirmativamente à proposta, ela se tornou uma experiência rica que marcou o início de uma nova dimensão APAC, para a qual ainda não estava pronta.

Mas ainda haveria um passo final: alguns anos mais tarde, depois de uma rebelião na

prisão pública em Minas Gerais, a APAC recebeu pela primeira vez a ordem de um juiz para ser responsável pela administração de uma prisão inteira e não apenas de um pavilhão. Assim nasce o primeiro centro de detenção APAC, em Itaúna, próximo de Belo Horizonte, hoje uma referência para todo o país.

Foram anos de grande dificuldade, em que homens e mulheres da APAC tiveram que aprender tudo do zero, livrando-se de muitas de suas ideias e paradigmas, mudando continuamente seu método de presença e de ação com os detentos.



*“A lição mais importante que aprendemos em doze anos de estudo e de trabalho com os detentos foi justamente esta: **não havíamos entendido nada sobre os detentos!**”*

Quem nunca viveu atrás das grades ou se recusa a aprender humildemente com quem vive permanecerá sempre um teórico, distante da realidade.

“Ou se conhece convivendo, ou se vive especulando.”

*Mario Ottoboni
Fundador da APAC*

Toda a história da APAC é uma experiência de aprendizagem contínua, livrando-se de ideias prévias e preconceitos. Uma tensão constante em busca de entender melhor a pessoa do preso e suas circunstâncias, sua psicologia, seu drama interior, sua real necessidade.



O AMOR TUDO DE
TUDO ESPERA, TUDO SU
JAMAIS PAS



**DESCULPA, TUDO CRÊ
SUPPORTA, O AMOR
PASSARÁ.**



"NÃO BASTA PRENDER, É PRECISO RECUPERAR"

A APAC teve que se deparar com a resistência dos juízes, dos políticos, das entidades econômicas, mas, sobretudo, com a opinião pública. Não era concebível a ideia de que o preso, privado de liberdade, pudesse receber um tratamento humano, na medida em que se considerava que o tempo de detenção deveria ser somente um tempo de castigo e de sofrimento.

Mas, é suficiente prender? A condição na qual são colocados os detentos **provoca perguntas radicais, às quais somos chamados a responder pessoalmente:**



É possível que quem tenha cometido um homicídio possa se recuperar?

Não é o propósito da prisão dar uma lição aos presos? Os prisioneiros devem pagar e sofrer pelo que fizeram. Por que então devem receber tanta atenção?

Por que investir energia e recurso da sociedade e do Estado para melhorar as condições de pessoas desprezíveis que fizeram tanto mal a outros?

Por que perdoar estes homens e mulheres depois de todo o mal que fizeram?



NA PRISÃO

"AQUI ENTRA O HOMEM, O DELITO FICA LÁ FORA"

A APAC é atualmente reconhecida como um órgão auxiliar do poder Judiciário e, como tal, recebe de diferentes juízes a autorização para administrar numerosos cárceres de modo autônomo. As estruturas penitenciárias APAC estão em plena conformidade com o sistema legal vigente no Brasil e fazem parte do sistema penitenciário brasileiro.

Desse modo, a APAC firma convênios com os governos estaduais e contratos de colaboração com a magistratura, por meio dos quais os juízes podem encaminhar os detentos para as instituições.

Porém, são os próprios presos que têm que solicitar por escrito ao juiz correspondente o ingresso a um centro APAC. Caso o juiz decida encaminhá-los para um desses centros, os detidos assinam uma série de compromissos com a APAC, que deverão cumprir rigorosamente. Esses compromissos são lembrados a eles todos os dias. Em caso de não cumprimento, eles podem retornar à prisão comum.

Há uma lista de espera para entrar nas estruturas APAC e, ainda que a decisão em última instância seja competência do juiz, existem critérios para a seleção dos condenados:

- *O detento deve ter uma condenação definitiva.*
- *A família do detento deve morar na mesma cidade ou área na qual a APAC se encontra.*
- *A prioridade é dada aos detentos que passaram mais tempo na prisão.*

OS "RECUPERANDOS". UMA MUDANÇA DE LINGUAGEM, UMA MUDANÇA DE CRITÉRIO.

Nos centros APAC não há "presos". Pessoas que cumprem lá suas penas são chamados de "recuperandos".

A mudança de linguagem implica toda uma concepção do trabalho realizado com os detentos. Além disso, implica uma concepção integral do homem e da vida.

Na experiência APAC, se caminha diretamente para a raiz boa do homem.

Uma certeza é a de que **o que define estes homens não é o crime que cometeram. Pelo contrário, sua pessoa e sua verdade são muito maiores do que suas ações: todos, incluindo esses homens que cometeram um crime, são definidos pelo fato de serem homens e mulheres chamados a um bom destino**, que são constituídos essencialmente por um desejo: de serem

felizes e de fazerem os outros felizes.

Diz-se "recuperandos" porque todas as tentativas da APAC são na direção de contribuir para a recuperação da vida desses homens e mulheres, em sua reconstrução interna.

Esta perspectiva muda radicalmente o método com o qual se enfrenta a condenação: o tempo de privação de liberdade, seja um curto período ou uma sentença de 40 anos, é entendido como uma oportunidade para a recuperação da pessoa, corrompida por muitas circunstâncias e, certamente, pelos atos cometidos.

Toda instituição APAC, todos os voluntários que trabalham nela, incluindo o pessoal administrativo, partem desse OLHAR POSITIVO sobre as pessoas que foram confiadas a eles.





"AQUI ME CHAMAM PELO NOME"

Quando começamos a falar com os detentos de uma estrutura APAC, mais cedo ou mais tarde se ouve esta frase: **"Aqui me chamam pelo nome"**.

Na sua simplicidade, esta declaração descreve sinteticamente a diferença radical que experimentam os presos em sua chegada em um centro APAC, vindos de uma prisão comum. Em um cárcere comum, normalmente o preso recebe um número de registo que irá acompanhá-lo durante o tempo que cumprir sua sentença. "Vou visitar o 2.437" ou "Eu sou a esposa do 13.231". O preso perde um nome e ganha um número. Na prisão, geralmente é chamado por

seus colegas por apelidos pejorativos, que muitas vezes se referem ao tipo de crime que cometeu. Em resumo, eles perdem o nome, e esta perda leva à perda de identidade, ao anonimato. Por isso, esse "ser chamado pelo nome" é o primeiro sinal de uma atenção absolutamente personalizada.

Na APAC não existem nem números, nem uniforme. É interessante notar a preocupação que se manifesta nos centros APAC para conhecer de maneira mais profunda a situação de cada um dos detentos. É realizado um acompanhamento de cada pessoa, de cada família, de cada caso... conhecê-los para compreendê-los e amá-los.

"O DETENTO É UM
MISTÉRIO IMENSO E,
DIANTE DE QUALQUER
MISTÉRIO, A NOSSA
PRIMEIRA ATITUDE DEVE
SER A DE AJOELHAR-
SE E ADMITIR,
HUMILDEMENTE, QUE
NÃO SABEMOS NADA E
QUE TEMOS DIANTE DE
NÓS UM MUNDO NOVO
A SER DESCOBERTO".

Mario Ottoboni



OS CENTROS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Um dos fatores mais desumanizantes das prisões comuns no Brasil é o seu nível de superlotação. Às vezes, chegam a se concentrar até 5.000 pessoas em centros para um número muito menor de presos. Isto promove a violência descontrolada, a atuação de gangues e máfias internas, os abusos sexuais, a extorsão, o desespero.

A APAC propõe um modelo de prisão chamado “descentralizado”, que basicamente possui dois elementos:

- **Centros de detenção de tamanho razoável e não superlotados.**
- **Os presos devem estar perto do lugar onde vivem suas famílias.**

Nesse sentido, a APAC tem promovido a criação de um centro modelo de detenção com características próprias que, em estrita conformidade com as disposições da legislação brasileira, permite realizar a metodologia de atenção e trabalho com os presos, própria da APAC. Este modelo resultou no que são chamados os Centros de Reintegração Social, de dimensões relativamente pequenas, normalmente destinadas para um número não superior a 200 detentos.

Estes centros possuem três pavilhões separados, cada um destinado a um regime diferente de pena, estabelecidos progressivamente pela lei brasileira: regime fechado, regime semiaberto e, finalmente, regime aberto, no qual o prisioneiro tem um contrato externo de trabalho, passando a noite no centro APAC.

Gradualmente foi se definindo um modelo de Centro, com uma distribuição de espaços que garantem a possibilidade de desenvolvimento de todos os elementos da metodologia APAC.





UMA PRISÃO SEM ARMAS E SEM POLÍCIA.

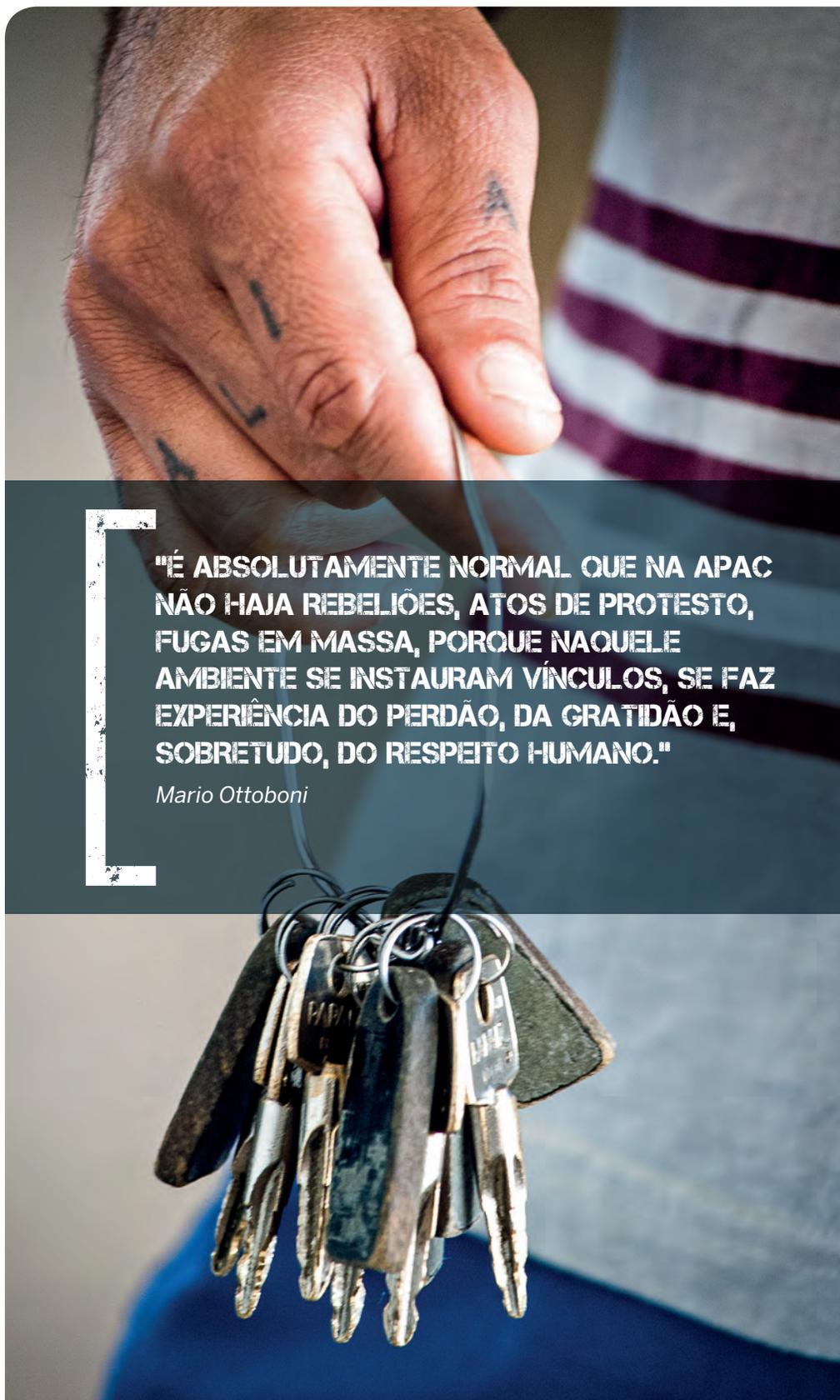
Quando você chega a uma APAC, quem te abre a porta é um dos detentos. Outro registrará os seus dados e abrirá a porta seguinte com as chaves de segurança.

Porque na APAC não há polícia.

Uma das decisões fundamentais tomadas pelos idealizadores das APACs, desde o início, foi a de administrar tais centros penitenciários sem a ajuda da polícia militar ou civil, que é o corpo de polícia encarregado das prisões no Brasil, nem de nenhum outro tipo de agentes penitenciários. Literalmente são prisões sem armas de nenhum tipo e sem polícia. As chaves das prisões estão nas mãos dos “recuperandos” encarregados para essa tarefa.

A manutenção da ordem e da disciplina nos centros APAC é exercida pelos próprios “recuperandos”, embora a responsabilidade final perante o juiz correspondente é sempre da equipe da APAC que dirige cada centro penitenciário.

No entanto, a taxa de evasões nos centros APAC é irrelevante e, certamente, radicalmente inferior àquela das prisões comuns. Nunca houve relatos de casos de rebelião na APAC e episódios de insubordinação são exceções.



"É ABSOLUTAMENTE NORMAL QUE NA APAC NÃO HAJA REBELIÕES, ATOS DE PROTESTO, FUGAS EM MASSA, PORQUE NAQUELE AMBIENTE SE INSTAURAM VÍNCULOS, SE FAZ EXPERIÊNCIA DO PERDÃO, DA GRATIDÃO E, SOBRETUDO, DO RESPEITO HUMANO."

Mario Ottoboni

A photograph of a man in a yellow shirt hanging laundry on a line in a courtyard. The courtyard has a blue wall and a metal grid ceiling. The laundry includes various items like shirts, pants, and a patterned cloth. The man is on the right side of the frame, and the laundry line stretches across the middle. The background shows a blue wall with barred windows and a metal grid ceiling.

A VIDA COTIDIANA: TUDO É PENSADO PARA O BEM

Para qualquer observador, as diferenças no modo em que se desenvolve um dia normal de um Centro de Reintegração Social APAC e um presídio comum são muito evidentes: **a primeira coisa que chama atenção é a ordem** que reina nos pátios, nas despensas, na cozinha, nas celas... em todos esses âmbitos a res-

ponsabilidade é dos próprios presos. Não há atmosfera opressiva, pelo contrário. Se percebe **uma naturalidade** em tudo, quase uma certa familiaridade... Se come bem, se trabalha muito. Há uma **rigorosa e intensa agenda de trabalho**, de atividades, de leitura ou diálogo. Informações sobre as atividades a serem desenvolvi-



das, horários e responsabilidade de cada um estão sempre à vista de todos, geralmente em um mural constantemente atualizado. Esta percepção de ordem é reforçada por **uma atenção à beleza**, mesmo nos detalhes. As paredes são pintadas e limpas, mesmo dentro da austeridade e simplicidade dos meios. Em todas as áre-

as comuns, entradas, pátios e galerias, se pode ver frases pintadas nas paredes, mensagens positivas que são sempre um desafio à liberdade dos presos e uma ajuda para a memória.

"RECUPERANDO AJUDANDO RECUPERANDO." UM SISTEMA DE AUTO RESPONSABILIDADE.

A administração de cada centro APAC é de responsabilidade de cada uma das associações APAC localmente constituídas para esse fim. Cada APAC local se compromete diretamente com a o Poder Público, por meio de um conveniamento.

A característica mais marcante deste sistema de gestão das unidades penitenciárias é que ela envolve os "recuperandos" na responsabilidade de toda a organização do centro. Da ordem e limpeza até as despensas, desde a preparação de alimentos até o cumprimento dos horários. Incluindo, como vimos, a disciplina e a segurança de todas as instalações.

O envolvimento de "recuperandos" é um aspecto essencial para fortalecer o sentido de comunidade dentro dos centros APAC. Assim, cresce o respeito mútuo e o sentido de solidariedade e responsabilidade real. Sem essa atmosfera harmoniosa de comunidade, não cresceria um apoio mútuo entre os "recuperandos", tampouco o seu sentido de responsabilidade em respeito ao progresso de todo o centro.

Da mesma forma, os "recuperandos" participam do sistema de monitoramento e avaliação de seus próprios companheiros. Para realizar essa tarefa, os centros APAC dispõem de dois instrumentos fundamentais:

Representante de cela é a pessoa encarregada de assegurar a limpeza, a ordem e a disciplina da sua própria cela, assim como de garantir que não haja abuso de qualquer tipo contra qualquer "recuperando".

Conselho de Sinceridade e Solidariedade (CSS) presidido por um "recuperando" eleito pela administração da APAC. O Conselho não possui poder de decisão, porém representa a ferramenta cotidiana que garante a ordem e a disciplina de cada centro, colaborando diariamente na tomada de decisões disciplinares ou na resolução de problemas e necessidades que se apresentam, tanto no nível material e prático, como em situações que afetam a comunidade "recuperandos". **Ele se reúne semanalmente com todos os presos, sem a presença de membros da APAC, para discutir os problemas encontrados e propor soluções para cada um.**





O AMOR COMO CAMINHO
O DIÁLOGO COMO ENTENDIMENTO
A DISCIPLINA COMO AMOR
O TRABALHO COMO ESSENCIAL
FRATERNIDADE E RESPEITO COMO META
RESPONSABILIDADE E O SOBERGUIMENTO
HUMILDADE E PACIÊNCIA E
O CONHECIMENTO E ILUSÃO
A FAMÍLIA ORGANIZADA E
DEUS COMO FONTE



REGA
NATION

O MÉTODO APAC

Partindo da progressividade no regime de sentença, estabelecida pela legislação brasileira (regime fechado, semi-aberto e aberto), a APAC transforma este tempo de privação de liberdade em um caminho possível de reconstrução integral da pessoa condenada.

Em primeiro lugar, deve-se considerar que a maioria dos presos chegam fisicamente prejudicados, com uma saúde muito afetada por várias razões, com feridas profundas em seu psicológico, muitas vezes torturados pela polícia ou abusados pelos seus companheiros nas prisões comuns de onde vêm. Por essa razão, “recuperar” essas pessoas, em primeiro lugar, envolve uma recuperação física e psicológica, tarefa primordial para a qual se dedica grande parte da energia nos centros de detenção APAC. Mas essa recuperação, essa reconstrução da pessoa, se propõe a ir ainda mais profundo na vida dos presos, devolvendo gradualmente a essas pessoas a confiança nos outros e na sua capacidade de empatia. Esse caminho “educativo” se confronta com a necessidade que possuem esses homens e mulheres de reconciliarem consigo mesmos, devido ao grave mal que cometeram, que os torna desconfiados, chegando a odiarem a si mesmos.

Por outro lado, muitos desses presos são analfabetos totais ou funcionais. Dessa maneira, precisam de aprendizagens básicas, como o hábito elementar da leitura.

A APAC, portanto, sem perder de vista a finalidade punitiva da pena imposta aos condenados, foca seu trabalho em uma **recuperação integral**. Se o objetivo é recuperar esses homens e mulheres diante da sociedade e de si mesmos, é necessário ir profundamente na pessoa. Ao longo de várias décadas, os responsáveis da APAC têm modificado a sua abordagem, através da **reflexão contínua sobre a experiência** de acompanhamento dos condenados. De

fato, na APAC foram modificadas as propostas e métodos de maneira a adequá-los na realidade, verificando tudo aquilo que ajuda mais e melhor no caminho da recuperação total de pessoas na prisão.

O resultado desse enorme trabalho é o chamado **Método APAC**. Este método está atualmente estruturado em 12 elementos que configuram a proposta de “recuperação” feita nos centros APAC. Trata-se de uma metodologia que abrange todos os aspectos da pessoa, de modo que todos os elementos devem ser aplicados de maneira abrangente e harmoniosa. Não basta incidir sobre apenas um ou mais desses pontos e sim aplicá-los todos.

OS DOZE PONTOS DO MÉTODO APAC:

- 1 PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL.
- 2 O "RECUPERANDO" AJUDANDO O "RECUPERANDO".
- 3 O TRABALHO.
- 4 A ESPIRITUALIDADE: FAZER UMA EXPERIÊNCIA DE DEUS.
- 5 ASSISTÊNCIA JURÍDICA.
- 6 ASSISTÊNCIA À SAÚDE: TANTO FÍSICA COMO PSICOLÓGICA.
- 7 ENVOLVER A FAMÍLIA.
- 8 VOLUNTARIADO: O COMPROMISSO GRATUITO.
- 9 CENTRO DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL: MODELO DE INSTALAÇÕES PARA O CUMPRIMENTO DAS PENAS.
- 10 VALORAÇÃO DO MÉRITO: PARA O PROGRESSO E A REDUÇÃO DAS PENAS.
- 11 A JORNADA DE LIBERTAÇÃO COM CRISTO.
- 12 VALORIZAÇÃO HUMANA. A BASE DO MÉTODO APAC.



DEVOLVENDO A CONFIANÇA

Em um centro APAC havia um “recuperando” que jamais se penteava. Esta situação passou a chamar tanta atenção, que os responsáveis da APAC tiveram que perguntá-lo o motivo de sua atitude. A resposta desse homem os fez compreender muito mais do que esperavam: o preso explicou que não queria se pentear porque ao olhar-se no espelho, o que via refletido era um monstro. Aquele homem tinha perdido qualquer esperança sobre a vida, chegando a detestar a própria imagem no espelho. A experiência de muitos anos havia mostrado aos responsáveis APAC que, por trás das atitudes de violência ou de arrogância que manifestam muitos detentos, se escondia uma rejeição e um forte desprezo por si mesmo.

O núcleo do método APAC é a constante “valorização humana” da pessoa do “recuperando”, para que ela volte a ter confiança em si mesma. Confiança de que ela é maior do que seus erros, por mais graves que tenham sido ou que venham a ser, que se pode mudar, que ela é capaz de ser feliz e até mesmo de fazer os outros felizes. Para iniciar essa profunda mudança em um homem que gerou e recebeu tanto mal, é necessário um “amor incondicional” que persista ao longo do tempo. Em um centro APAC, esse amor é visto e tocado. Para este trabalho de “recuperação humana”, são necessários muitos elementos, mas são imprescindíveis pessoas que os acompanhem de maneira desinteressada, que os trate pelo que são e não pelo que tenham feito, mas também é necessário, na maioria dos casos, um apoio psicológico continuado, que é parte essencial do serviço que oferece todo centro APAC.



"NINGUÉM É IRRECUPERÁVEL"

Cada estrutura APAC é uma rede de confiança constante e perseverante na possibilidade de reconstrução de cada "recuperando" que para lá foi transferido. Dentro dessas paredes não existe a palavra NUNCA.

A tentação que normalmente se pode ter é pensar que essa "recuperação" só é possível para alguns, mas para a maioria "não há esperança ...". Bem, a APAC é uma afirmação teimosa de que esta experiência de reconstrução da pessoa é possível para todos.

A história da APAC poderia ser contada como uma série de histórias particulares, que demonstram uma após outra que tal experiência é possível para todos. Como a **história de Walter**, narrada por quem era então presidente desse centro APAC:



Aqui entra o homem, o delito fica lá fora .

REGIME FECHADO

“Um juiz bastante cético sobre a experiência da APAC transferiu para a estrutura de São José dos Campos um detento violento e desajustado, chamado Walter. Era um desafio verdadeiro, em todos os sentidos, feito pelo juiz: se a APAC realmente conseguisse fazer alguma coisa com aquela “fera”, então mudaria de opinião sobre o método ali ministrado.

Até mesmo os “recuperandos” ficaram preocupados quando Walter chegou à estrutura APAC: “Agora vai se dar mal”, “Esse não dura mais que dois dias”, “Esse tipo é um perigo”...

Quando chegou, os operadores falaram muito com ele, explicando-lhe como funcionava a sua nova prisão e oferecendo-lhe a possibilidade de um novo início para sua vida. Por fim, os operadores lhe disseram: “Nós confiamos em você”. Walter respondeu: “Eu confio em mim mesmo”. O tempo passava sem que Walter tentasse fugir, nem criasse problemas em geral. O juiz

REGIME SEMIABERTO

começava a se inquietar e, incrédulo, ligava sempre para saber notícias, pois não podia acreditar que Walter não tivesse feito uma das suas.

Até que um dia, chegou à estrutura um jovem condenado por abusos sexuais contra menores. Na prisão comum, havia sido agredido barbaramente. Seu corpo estava todo inchado e sequer tinha condições de cuidar da própria higiene pessoal. Tampouco na APAC, ninguém se aproximava dele.

Porém, depois de vários dias, o diretor da APAC assiste um espetáculo completamente milagroso: na enfermaria, o temido Walter dava banho naquele jovem desprezado por todos e que havia sido torturado na cadeia comum.

Aquelas mãos que haviam matado, eram as mesmas que agora, em um gesto único de acolhida e ternura, banhavam aquele homem ferido e humilhado.





A FAMÍLIA: CUIDAR DOS VÍNCULOS ESSENCIAIS DA PESSOA

No método APAC, a aproximação do “recuperando” de seus familiares e entes queridos é um fator essencial. É necessário que estas pessoas privadas de liberdade e com uma trajetória de delitos voltem a ter muito vivos seus laços afetivos fundamentais: a esposa ou o marido, os filhos, os pais, a namorada, os amigos ...

Dentro da APAC, se busca fazer contato e acompanhar as famílias dos detentos. Muitas vezes, essas relações se encontram dramaticamente deterioradas. Todo esforço é bem-vindo para restaurar, valorizar e cuidar dessas relações, que são constitutivas da vida de cada pessoa e também de cada preso. Paradoxalmente, a permanência na prisão se converte muitas vezes em uma oportunidade de restabelecer relações e de reconciliação das famílias. A diferença no tratamento dado às famílias nos centros APAC em relação às prisões comuns é extraordinária. Tudo na APAC é pensado para que seja possível uma relação próxima e contínua com seus entes queridos: os “recuperandos” podem telefonar três vezes por semana para os

parentes ou escrever cartas livremente. Sobretudo, a celebração do Dia dos Pais, do Dia das Mães e feriados especiais como Natal, quando as famílias podem participar ativamente na preparação, recebem atenção especial.

As tardes dos domingos são momentos centrais na semana: são as visitas familiares. Tudo nesse dia é preparado para promover um ambiente aberto, descontraído e amigável. Tomam-se todas as medidas necessárias para garantir que as famílias não sofram as situações típicas a que são geralmente submetidas nas prisões comuns: revistas humilhantes, longas filas, maus-tratos, ausência de intimidade nos encontros. Além disso, este cuidado com os vínculos familiares produz um ambiente mais natural e pacífico nos centros de reclusão, reduzindo os casos de fugas e conflitos.

Sem dúvida, o cuidado com esses laços também representa uma garantia de reintegração social e humana do “recuperando”, uma vez que termine o cumprimento de sua sentença.



O TRABALHO COMO INSTRUMENTO DE RECUPERAÇÃO

O trabalho e a formação profissional são elementos-chave do método APAC e um fator essencial na em todos os centros. Contudo, a experiência APAC ensina que o trabalho por si só, diferentemente do que defendem algumas teorias, é insuficiente para a recuperação da pessoa. É necessário que se integre as atividades laborais a um processo e a uma metodologia mais ampla, que vise à reconstrução integral do preso.

Em uma perspectiva de “recuperação integral”, o trabalho nas APACs é desenvolvido de acordo com o grau de reclusão em que se encontra judicialmente o “recuperando”:

- No **regime fechado** é dedicado muito tempo a um “**trabalho terapêutico**”, com o qual se procura, antes de tudo, estimular

a criatividade, o pensamento e a autoestima do “recuperando”.

- No **regime semiaberto** é oferecida aos “recuperandos” uma **formação orientada para uma profissão ou um trabalho específico**.

- Já o **regime aberto** prevê que os “recuperandos” conduzam uma atividade de trabalho fora do centro; nesse caso, o trabalho coincide com o exercício de uma profissão durante o dia, seguindo condições contratuais específicas.

Em qualquer que seja o caso, nas APACs trabalha-se com grande intensidade, graças à ajuda dos voluntários e dentro de um horário muito exigente para os “recuperandos”, desde a manhã até o período da tarde.

AS JORNADAS DE LIBERTAÇÃO COM CRISTO

Desde o primeiro momento, a APAC propõe aos “recuperandos” uma experiência de Deus como o ponto mais profundo no processo de reconstrução da pessoa.

Esta espiritualidade é vivida pelos “recuperandos” com grande rapidez, independentemente das diferenças de crenças e fé que possam haver: rezam quatro vezes ao dia, recebem os visitantes com uma oração e lhes dão suas bênçãos com músicas criadas nas próprias prisões. Além de não existir nada de artificial nessa atitude, há uma necessidade de expressão sincera e busca de um sentido na vida.

Além disso, os responsáveis APAC estão bem conscientes de que um vago apelo à religiosidade não é suficiente para que se gere uma recuperação. Na verdade, muitas vezes, os detentos, utilizando o manto da religião, procuram acessar certos benefícios ou mascarar problemas mais profundos. Para não mencionar as experiências pseudo-religiosas que muitas vezes sufocam psicologicamente os presos, em vez de permitir-lhes uma pausa e uma reflexão profunda sobre suas vidas, que é o que eles realmente precisam.



Dentro do método APAC, um elemento central é o que eles chamam de Jornadas de Libertação com Cristo. Na história da APAC, se comprova todas as vezes como esse momento constitui, de certa maneira, um ponto decisivo em todo o processo de recuperação. São quatro dias de intensa convivência entre presos e voluntários, seguindo um itinerário que leva em conta todos os fatores: psicológicos, racionais e expressivos da pessoa.

Através de discussões, leituras, testemunhos de outros presos, canções, os “recuperandos” são convidados a uma reflexão sobre o verdadeiro sentido da vida e a assumirem a responsabilidade sobre ela, tanto sobre o passado e todos os seus erros como no que se refere ao futuro.

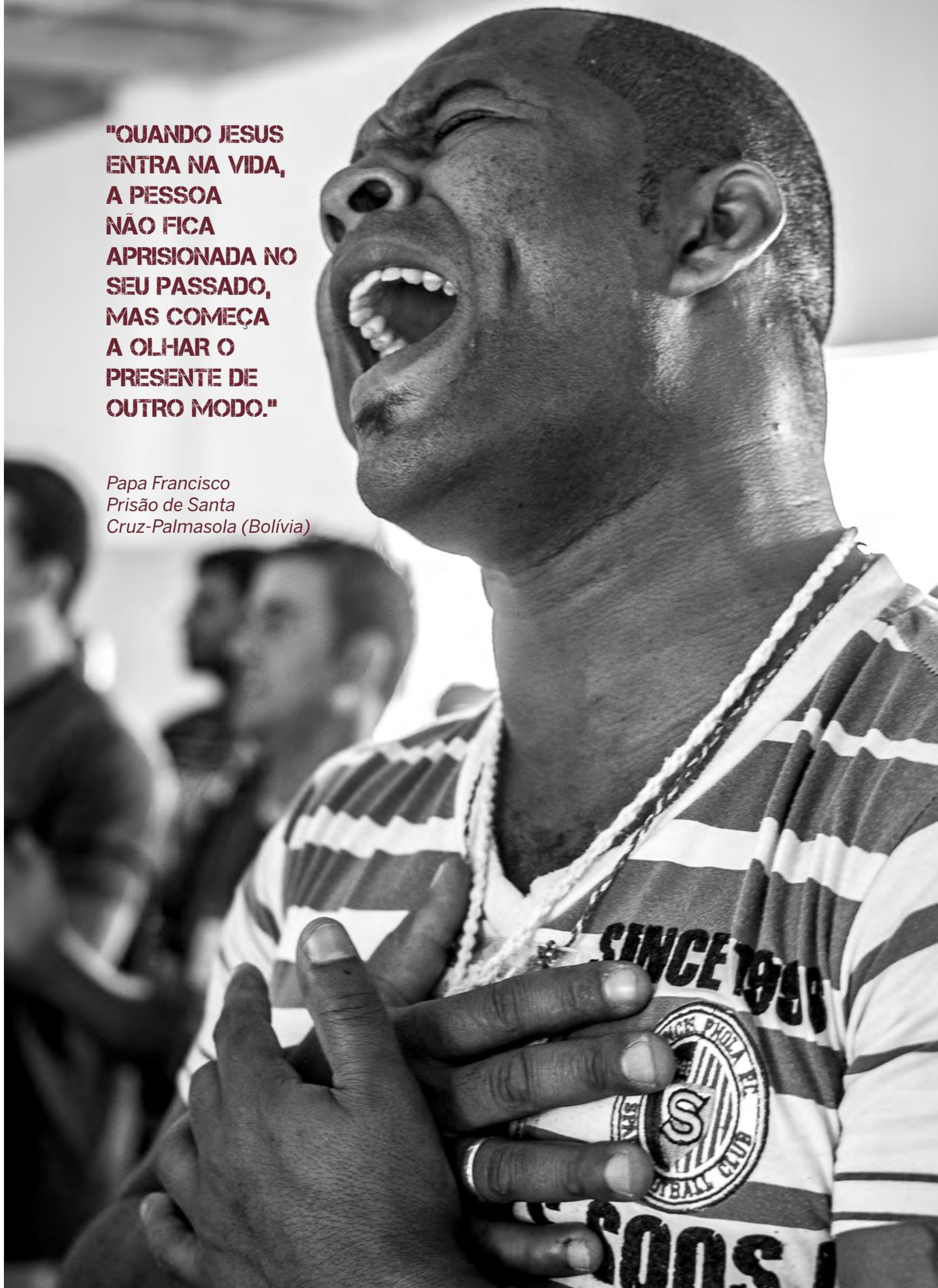
Muitas vezes, essas Jornadas marcam um antes e depois na vida dos “recuperandos”.

"TEMOS DE RESTAURAR A CONFIANÇA NO SER HUMANO QUE ESTÁ PRESO, FAZÊ-LO CONHECER UM DEUS PRESENTE NA HISTÓRIA, ATRAVÉS DA PRESENÇA OPERANTE E COERENTE DOS VOLUNTÁRIOS, NÃO SÓ EM PALAVRAS, MAS PRINCIPALMENTE COM GESTOS CONCRETOS DE MISERICÓRDIA QUE REVELAM O EVANGELHO DE JESUS CRISTO, QUE DISSE: 'ESTAVA PRESO E ME VISITASTES' (MATEUS 25:36). RACIOCINAR FORA DESSE QUADRO É UTOPIA, É MENTIR PARA SI MESMO, É ENTRAR EM VAZIOS DOS PRESÍDIOS E DEIXAR ABANDONADO O IRMÃO A QUEM SE FALOU DE DEUS... "

*Mario Ottoboni
Vamos a matar o criminoso?*

**"QUANDO JESUS
ENTRA NA VIDA,
A PESSOA
NÃO FICA
APRISIONADA NO
SEU PASSADO,
MAS COMEÇA
A OLHAR O
PRESENTE DE
OUTRO MODO."**

*Papa Francisco
Prisão de Santa
Cruz-Palmasola (Bolívia)*



RESGATANDO VIDAS, CONSTRUINDO UMA NOVA SOCIEDADE



UMA OBRA NASCIDA DA SOCIEDADE, DA PESSOA

A APAC é uma realidade **que nasceu e se sustenta até hoje graças à iniciativa livre e espontânea de um grupo de cristãos empenhados com a realidade, que envolveu no tempo centenas de pessoas de todo credo, condição e origem**, como associações, instituições e empresas que reconheceram a importância e o bem da experiência para toda a sociedade.

APAC é uma organização sem fins lucrativos que depende inteiramente do trabalho voluntário e da colaboração incondicional de várias organizações da sociedade civil. O apoio da sociedade e muitas instituições privadas evita a dependência a uma única entidade e permite uma maior eficiência e estabilidade para as APACs.

Portanto, a APAC é um verdadeiro fenômeno de construção que vem “de baixo”, uma iniciativa livre e independente, capaz de mobilizar uma grande energia social para o fim que busca.

A inauguração de um novo centro APAC é sempre **precedida por uma mobilização de todas as energias locais a favor do trabalho que será feito com os presos**: formação de voluntários, financiamento de pessoas físicas, parcerias com outras instituições da sociedade civil... São realizadas reuniões, assembleias, cursos de formação, em suma, um intenso trabalho de sensibilização da população. Sem este trabalho com cada comunidade local, não poderia existir APAC.



DO AMOR NINGUÉM FOGE



A SOCIEDADE SE MOBILIZA PELA APAC

Numerosas organizações de caráter social, religioso e empresarial começaram a apoiar a experiência APAC de diversas formas. Entre as entidades locais mais significativas, que colaboram atualmente para fortalecer e ampliar a experiência das APACs, destaca-se o *Instituto Minas pela Paz*, uma iniciativa empresarial nascida no estado de Minas Gerais, inserido no âmbito da cooperação não-governamental.



4. Resgatando vidas, contruindo uma nova sociedade



Minas pela Paz

Algumas das maiores empresas da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais têm impulsionado a criação do Instituto Minas pela Paz, que possui como um dos seus objetivos fundamentais a luta pela inclusão social. Fiel a este objetivo, o Instituto iniciou uma relação de apoio às APACs centrada na capacitação profissional dos “recuperandos” durante as últimas fases de cumprimento de sua sentença.



Entre outras iniciativas, estas empresas oferecem suas instalações para a realização do trabalho dos presos, além de acompanhá-los na sua formação e orientá-los no trabalho. Milhares de pessoas que cumprem suas penas nos centros APAC já se beneficiaram desta colaboração entre o Minas pela Paz e a APAC.

AVSI

Desde 2009 AVSI apoia a experiência da APAC através de um financiamento da União Europeia no âmbito do Instrumento Europeu para promoção da Democracia e Direitos Humanos. Impactada pela dignidade com que cada preso da APAC cumpri a própria pena e pelo desafio de apostar na liberdade de pessoas condenadas pelos tribunais, AVSI promove a difusão do método APAC em outras regiões do Brasil por meio do projeto *Superando Fronteiras*.



O PODER JUDICIÁRIO CONFIAM NA APAC

Na história das APACs, as decisões de alguns juízes de confiarem no método revolucionário proposto possuem muita importância. Os juízes são responsáveis pela execução penal no Brasil e, portanto, seu papel e responsabilidade no funcionamento das prisões são cruciais.

Sem a confiança de alguns juízes, a experiência da APAC teria sido frustrada ou reduzida a uma iniciativa de acompanhamento dos detentos, incapaz de produzir transformações no sistema. Por essa razão, seu reconhecimento como um “órgão auxiliar do sistema judicial” foi uma mudança essencial na trajetória da APAC, permitindo o gerenciamento de prisões e a colaboração permanente aos juízes em todos os assuntos relacionados à execução de penas. No início dessa história, o juiz **Silvio Márquez Neto**, que solicitou pela primeira vez aos responsáveis APAC que gerenciassem um pavilhão de presos no regime fechado na prisão de Humaitá (São Paulo) nos anos

80, foi fundamental, uma vez que constituiu o primeiro passo na história da gestão de centros de reclusão APAC.

Da mesma forma, a relação e o apoio do juiz **Paulo Antonio de Carvalho** tem sido crucial para a implementação e desenvolvimento das duas prisões na APAC em Itaúna, uma para homens e outra para mulheres, considerados agora modelos de referência APAC. Finalmente, entre os muitos juízes que devem ser mencionados, deve-se destacar a figura de **Joaquim Alves de Andrade**, juiz do Supremo Tribunal do Estado de Minas Gerais, que desempenhou um papel-chave na aceitação do método APAC como parte do sistema prisional público.

Cada vez mais juízes, governantes e políticos veem a APAC como uma possibilidade de renovação do sistema penitenciário.



“Permitimos que a APAC assuma qualquer condenado, seja qual for a sua pena, mesmo que seja de 25, 30 ou mais anos, e temos verificado que sua metodologia, se bem aplicada, funciona e pode recuperar qualquer condenado, independentemente do crime cometido”.

Paulo Antonio de Carvalho. Juiz de Itaúna





O PROGRAMA "NOVOS RUMOS"

O Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), através da Resolução 433/2004, criou o Programa Novos Rumos, que desenvolve iniciativas inovadoras no cumprimento das penas.

Atualmente, este programa é considerado uma referência nacional por suas iniciativas a favor da humanização das condições de cumprimento de penas, bem como a inclusão e a justiça social.

Uma das iniciativas deste programa, precisamente, consiste na adoção e promoção do método APAC como política pública penitenciária no Estado de Minas Gerais. Novos Rumos está permitindo difundir os princípios e a metodologia da APAC e

apoiar a criação e consolidação das APACs no Estado.

Dessa maneira, se promovem assembleias públicas, seminários de formação de voluntários, encontro entre juízes para que conheçam o método APAC, cursos para administradores de instituições APAC, além de cursos de formação de gestores e multiplicadores do método. O programa facilita a articulação institucional das APACs com os organismos públicos, empresas ou outras entidades.

Tribunais de Justiça de outros Estados da Federação no Brasil, seguindo o exemplo do TJMG, estão impulsionando programas similares.

A EXPERIÊNCIA APAC RECONHECIDA COMO POLÍTICA PÚBLICA

A experiência APAC é reconhecida em alguns estados do Brasil como parte do sistema penitenciário público.

Do **ponto de vista do direito civil**, as APACs são organizações da sociedade, com personalidade jurídica independente, sem fins lucrativos e declaradas “de utilidade pública”.

No entanto, do **ponto de vista do sistema judicial brasileiro**, cada APAC é um “órgão auxiliar da Justiça”, estando subordinada ao juiz competente de sua jurisdição e, embora tenha autonomia no seu método de atuação e gestão das cadeias, todas as suas decisões são sempre dependentes de organismos oficiais de execução criminal. É o juiz quem envia os presos a um centro APAC, e é o juiz que tem condição de dar permissão para qualquer decisão que exceda os princípios gerais estabelecidos no sistema prisional.

Em nenhum caso pode-se definir a APAC como uma “prisão privada”, de qualquer tipo que seja, nem sequer como uma forma intermediária de delegação, em nome do Estado. Pelo contrário, a APAC é legalmente considerada parte integrante do sistema prisional público do Brasil.

A relação entre a Administração Pública e as APACs é articulada por meio de um convênio administrativo. O Estado aporta um valor para o pagamento de pessoal administrativo (cerca de 20 pessoas por centro, dependendo do tamanho), que a APAC seleciona e contrata, e também destina uma quantia por preso, levando em conta gastos operacionais. A boa gestão dos recursos, o fato de contar com uma grande quantidade de voluntários estáveis, bem como a ausência de agentes penitenciários ou policiais, tornam os centros de detenção APAC substancialmente menos custosos do que as prisões comuns. Se a isso se somam as baixíssimas taxas de fuga e os altos níveis de reintegração social, entende-se o porquê de o poder público avaliar bem a eficácia e eficiência dos centros APAC. Cada centro APAC é financiado de maneira individual e presta contas de modo independente a Administração do Estado no qual está inserido.

CUSTO POR PRESO PARA O PODER PÚBLICO:

Sistema Comun: R\$ 3.000

APAC: R\$ 950

4. Resgatando vidas, contruindo uma nova sociedade



“O fato mais importante que está acontecendo no mundo atual, em âmbito carcerário, é o movimento das APAC no Brasil”.

Ronald Nikkei Presidente Emérito da Prison Fellowship International



DO BRASIL AO MUNDO INTEIRO

Ao longo de quase quatro décadas, a experiência APAC se expandiu por todo Brasil. De modo particular, a APAC está implementada amplamente no Estado de Minas Gerais, porém tem se espalhado para vários outros estados, na medida em que as autoridades judiciais vão aceitando esta modalidade. Mas esta experiência não se limitou às fronteiras brasileiras. Já em outubro de 1990, foi realizada uma conferência latino-americana, com representantes de 21 países para conhecer e explorar o mé-

todo APAC. A partir deste momento, começou sua expansão na América Latina. Pouco tempo depois, nos Estados Unidos, foi publicado um relatório sobre as APACs que gerou grande impacto. Este relatório, juntamente com um documentário da BBC que foi ao ar no mesmo período, permitiu que essa experiência se tornasse muito conhecida em outros países onde teria sido difícil que se chegasse a notícia do fenômeno APAC. A partir deste momento, a expansão da experiência APAC não deixou de aumen-

FBAC EM NÚMEROS

- **O CENTROS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL, EM FUNCIONAMENTO:** 40 no Estado de Minas Gerais e outros 10 divididos nos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraná e Espírito Santo.
- **147 ASSOCIAÇÕES APACs** já criadas e em condições de inaugurar um novo Centro de Reintegração Social.
- **23 PAÍSES** no mundo nos quais há estruturas penitenciárias que aplicam parcialmente o método APAC: Costa Rica, Chile, Colômbia, Holanda, Noruega, Estados Unidos, Itália, República Checa, Hungria...



tar. Em muitos países começaram experiências que tratavam de inspirar-se no método e na experiência APAC e em alguns lugares surgiram centros de detenção que são reconhecidos pela própria APAC como parte de sua rede. O crescimento de centros APAC no Brasil levou os responsáveis da associação a criarem em 1995 a FBAC (Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados), que reúne todas as APACs existentes. A tarefa de FBAC é a de assegurar a correta aplicação do Método APAC em

seu processo de expansão. Para isso, ela realiza um intenso trabalho de formação e de assessoramento de todas as APACs emergentes. A FBAC faz parte da organização **Prison Fellowship International**, que reúne as 129 organizações sociais mais importantes do mundo que trabalham no âmbito da melhoria dos sistemas prisionais. A *Prison Fellowship International (PFI)* é um *organismo consultivo das Nações Unidas em matéria de assuntos penitenciários.*



O CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO MÉTODO APAC

O crescimento e o reconhecimento internacional da experiência APAC tem levado os responsáveis FBAC a identificarem como objetivo fundamental, nesse momento, a criação de um **Centro Internacional de Estudos do Método APAC - CIEMA**.

O método APAC não é resultado de teorias, de qualquer tipo. Como afirma seu fundador, Mario Ottoboni, “só se conhece convivendo” e toda a história da APAC é a história de homens que decidiram se

envolver e aprender em uma convivência real com os presos. Neste sentido, se trata de um método que nasce da experiência concreta de muitas pessoas vitalmente envolvidas no trabalho de “recuperar” a vida dos detentos.

Nesse percurso se chegou em um momento em que se torna necessário prosseguir em uma reflexão e uma investigação cada vez mais profunda de todos os elementos que compõem o Método APAC. Além disso, a expansão dos centros de detenção

4. Resgatando vidas, contruindo uma nova sociedade



APAC, ou aqueles inspirados por seu método de trabalho com os presos, tanto no Brasil e no mundo, exigem a criação de um centro de pesquisa e de desenvolvimento do método.

O Centro Internacional de Estudos do Método APAC - CIEMA, que já está em construção na cidade de Itaúna (Minas Gerais) possibilitará a acadêmicos, organizações envolvidas nesse setor, às empresas e às autoridades públicas, uma estrutura para realizar pesquisas, eventos e seminários.

Será também um espaço para a organização de cursos presenciais e online sobre o método APAC, onde se oferecerá alojamento para receber delegações de visitantes e pesquisadores.

É esperado que o CIEMA trabalhe em conexão direta com o Centro de Reconciliação e de Justiça da Confraternidade Carcerária Internacional, com sede em Stuttgart (Alemanha), bem como com universidades do Brasil e de outros países.

O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA APAC

QUEM É A APAC?

A experiência APAC e seu método foram moldados ao longo de quase 40 anos. A APAC não é uma fórmula mágica, mas sim o resultado de um compromisso, de entrega de pessoas que fizeram um caminho apaixonante de fé e de caridade, **dentro de uma grande amizade** ao longo do tempo.

O criador da APAC é o advogado paulista **Mario Ottoboni**. Ele começou a oferecer seus serviços gratuitos aos presos que não podiam pagar por uma assistência jurídica (a maioria), iniciando assim um compromisso com os encarcerados. Sua dedicação constante à vida dos detentos e à da sua esposa, gerou um grupo de pessoas ao seu redor que deram origem

à APAC. Autor de numerosos livros sobre as prisões, Ottoboni foi quem começou a desenvolver e a sistematizar o método APAC. Hoje é uma pessoa reconhecida internacionalmente e recebeu inúmeros prêmios de organizações nacionais e internacionais. Sua voz de autoridade é ouvida dentro e fora do Brasil, em tudo o que diz respeito ao cuidado com os encarcerados e às reformas dos sistemas penitenciários destinados à humanização e eficácia social.

Um dos primeiros amigos de Ottoboni nesta aventura de envolvimento com os presos foi **Franz de Castro Holzwarth**. Ele também era um advogado, com um compromisso cristão total. Franz morreu



DO AMOR NINGUÉM FOGE

com apenas 39 anos de idade em um tiro-teio durante uma mediação para libertar reféns em uma rebelião armado dentro de uma prisão em Jacareí, São Paulo.

O atual diretor executivo da Fraternidade das APACs é **Valdeci Antonio Ferreira**, um leigo missionário comboniano, que se formou como técnico metalúrgico e, em seguida, estudou Direito. Valdeci conheceu Ottoboni quando ele trabalhava como voluntário na Pastoral Carcerária de Minas Gerais. Preocupado com a falta de respostas satisfatórias nas atividades com presos, começou o trabalho com o professor Mario Ottoboni e as APACs, tornando-se sua mão direita e fazendo uma contribuição decisiva na elaboração do

Método APAC. Ele é o coautor de vários livros, tendo publicado recentemente no Brasil “Juntando Cacos, resgatando vidas”, sobre a “valorização humana” como a base do Método APAC.

Em São João Del-Rei (Minas Gerais) está um dos centros APAC mais importantes do Brasil. A frente dessa experiência se encontra **Antonio Carlos Fuzatto**. Um líder popular bem conhecido em sua cidade, que foi Presidente da Câmara Municipal de São João Del-Rei.

...E dezenas de homens e mulheres que continuam construindo esta história de amor gratuito e incondicional com pessoas que estão encarceradas nas APACs.





O drama em São Paulo. Telefoto AP.

Um dia de pânico em São Paulo: incêndio mata 17 e fere 100.

Foi um verdadeiro pânico e mais uma tragédia: dezessete pessoas morreram no incêndio irrompido no Edifício Grande Avenida, na Avenida Paulista, no centro da capital. Há mais de cem pessoas feridas. Matéria na página 2.

ValeParaibano

Ano 30 - Número 7.519 - Vale do Paraíba, domingo, 15 de fevereiro de 1981

Cr\$ 25,00

MOTIM EM JACAREÍ: SETE PESSOAS MORREM.



O advogado Frans Holzworth faz sinal para o comandante da tropa de choque e para o juiz Pistorezzi dizendo que iria sair como refém com os omeletados. Segundos depois, o advogado tombava morto junto com os bandidos dentro da Belina. O carro recebeu sarpejada de metralhadora e tiros de revólver. Sete pessoas morreram no motim de Jacareí. Matéria nas páginas 6 e 7.

ESPORTES

Taubaté precisa vencer. S. José está confiante.

O Taubaté precisa vencer o Francano hoje à tarde na "Joquinã" para sumentar seus chances de se classificar para a Taça de Bronze, 3ª Divisão do Campeonato Brasileiro. O São José, numa situação mais climada, pela última o torneio coletivo, joga no "Martins

"Não me interessa a suntuosidade da existência. Quero uma vida feita de amor para com o irmão por causa do Senhor. Na tua presença, saboreio, já, a eternidade. Obrigado, Pai!"

Franz de Castro

Finalmente Brasil consegue golpear

FRANZ ENTREGOU TUDO

Por trás da experiência APAC há uma experiência densa e de uma extraordinária intensidade humana e cristã. A APAC é a história de muitas decisões pessoais, da entrega da vida de muitas pessoas, de uma amizade forte e radical ... e também do testemunho último da entrega total da vida. É o caso de **Franz de Castro Holzwarth**.



Franz nasceu no Estado do Rio de Janeiro e se transferiu para Jacareí para estudar Direito, onde começou a trabalhar como secretário no tribunal.

Franz escreveu para um amigo que percebia em si "o desejo de doar-se totalmente" e definia, assim, o único interesse da sua vida: "A única coisa que conta na minha vida é Cristo".

O desejo de servir a Cristo e o diálogo pessoal com Ele, o levaram a conhecer os Padres Dehonianos, que o envolveram nas atividades pastorais nas prisões. Em 1973, ingressou na APAC e, desde então, se dedicou por toda a vida a essa obra, colaborando com Mario Ottoboni e levando uma vida humilde e simples.

Em 14 de fevereiro de 1981, Franz e Mario foram chamados para negociar com os detentos rebelados na penitenciária de Jacareí. Chegando os dois à prisão, conseguiram libertar alguns dos reféns; mas a tensão entre o corpo de policiais e os detentos resultou num tiroteio, no qual Franz foi atingido 38 vezes.

Franz é o primeiro mártir da APAC: doou a sua vida testemunhando um modo novo de estar com os detentos.

Em 2009, teve início o processo de beatificação do Servo de Deus Franz de Castro Holzwarth



VOLUNTÁRIOS: "SACRIFICAMOS NOSSA LIBERDADE PARA QUE OS 'RECUPERANDOS' SEJAM LIVRES"

Todo o trabalho da APAC é baseado na gratuidade e no serviço ao próximo. Dessa maneira, o voluntariado representa o coração desta experiência. **Nas estruturas das APACs, à exceção do pessoal administrativo (que é remunerado pelo Estado), todos os outros colaboradores, que atendem diretamente os presos, são voluntários**, o que implica em não receber nada em troca do seu trabalho. Esse é o caso dos gestores das APACs, mas também daqueles que oferecem os seus serviços como psicólogos, assistentes sociais, dentistas, médicos, professores das mais variadas matérias (desde a alfabetização à formação profissional), padres ou pastores, advogados, nutricionistas... Este é um voluntariado muito comprometido. Gerar genuínos vínculos pessoais com os detentos

exige muito tempo. Não é suficiente para eles uma presença nos fins de semana. É necessária uma grande capacidade de amizade, uma disposição para a verdade e o perdão, uma paciência e uma atenção enorme, pois eles estão lidando com pessoas com feridas muito profundas. Mas também é necessário evitar possíveis manipulações e dependências que estas relações podem gerar. Atrair esses voluntários, e treiná-los adequadamente, é uma das tarefas mais delicadas para que a experiência APAC seja realizada na sua totalidade. Na verdade, a inauguração de cada novo centro APAC é precedida por um exercício de mobilização maciça da sociedade local para envolver as pessoas: paróquias, organizações sociais e grupos de voluntários existentes.

"NÃO SE PODE ESQUECER QUE O MÉTODO APAC SE INSPIRA NO SACRIFÍCIO DA CRUZ, NO ROSTO MISERICORDIOSO DE CRISTO QUE, OLHANDO DIMAS, O BOM LADRÃO ARREPENDIDO, LHE PROMETE O PARAÍSO. A DOAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS NESSA OBRA DE CARIDADE SE INSERE NAQUELE MOMENTO HISTÓRICO DE DOAÇÃO TOTAL DE JESUS E NAQUELE GESTO EXTREMO DE COMPAIXÃO."

Mario Ottoboni

Todos os anos, cada centro APAC convoca cursos de voluntariado com pessoas selecionadas. Durante quatro meses, elas recebem um treinamento extensivo no que diz respeito, em primeiro lugar, ao espírito e à metodologia da APAC. Mas também se estudam os aspectos legais mais úteis para o trabalho, a lei penal, a história da APAC... Aspecto fundamental é o conhecimento pelo menos inicial da psicologia do preso.

Esse longo tempo de treinamento permite que os responsáveis APAC façam uma seleção das pessoas mais adequadas para este trabalho, visto que se trata de um compromisso muito exigente e que pressupõe algumas condições pessoais.

O relacionamento dos voluntários com os "recuperandos" é uma questão muito delicada e importante. Os detidos encontram pessoas que têm uma atitude desinteressada em relação a eles, que querem ser uma companhia verdadeiramente humana, que dizem, com gestos e palavras: "você não está sozinho, não está abandonado". Isso é muitas vezes uma novidade absoluta na vida dos detentos.

O voluntariado nas prisões brasileiras não possui um grande reconhecimento social por trabalhar com uma parcela da população rejeitada, e até mesmo odiada, por muitas pessoas. Esse contexto implica em um sacrifício às vezes ainda maior para os voluntários.





DE VOLTA PARA CASA

RESGATANDO VIDAS. UMA VERDADEIRA JUSTIÇA RESTAURATIVA

Desde o início da APAC, se elaborou um desenho que tentava resumir os principais elementos que orientavam sua atuação. Estes elementos constituem hoje a “visão” da APAC, que é resumida nos seguintes pontos:

- Humanizar a execução das penas de prisão, oferecendo aos **condenados** um caminho para a recuperação.
- Proteger a **sociedade**.
- Socorrer as **vítimas**.

Trata-se, por fim, de promover uma verdadeira **Justiça Restaurativa**.

De acordo com os fundadores da APAC, quando eles começaram seu trabalho, no país ninguém considerava que pudesse ser realizada uma atividade deste tipo. O próprio conceito de Justiça Restaurativa era incomum e abordado parcialmente.

Essa preocupação com as vítimas constitui um aspecto único e original do trabalho que desenvolvem as APACs. Na realidade, nos meios de comunicação e nos discursos sobre o problema da delinquência, se fala muito das vítimas, não existe, porém, nenhuma iniciativa de trabalho com as mesmas. Também nisso a experiência APAC supõe uma



mudança total no medo de enfrentar o delito e as suas consequências. O preso deve repor, restaurar, curar, na medida do possível, aquelas feridas, aquele mal que produziu em outros e na sociedade em geral.

No entanto, como enfatiza o fundador da APAC, Mario Ottoboni, tão importante quanto isso é o Estado assumir parte de sua responsabilidade nesta situação: o pertencimento majoritário dos presos aos setores sociais mais pobres e negligenciados, a relação direta (estatisticamente falando) entre crime e analfabetismo, para citar alguns exemplos evidentes, são sinais desta responsabilidade do Estado.

Para não mencionar a desumanidade em muitas práticas policiais, a negligência dos advogados de defesa ou mesmo a falta de envolvimento de muitos juízes que se tornam meros aplicadores da lei, sem qualquer consideração ao fator humano e social, para finalmente depositar esses homens e mulheres que cometeram erros

graves nas prisões imundas e dominadas pela violência... tudo isso também são fatos que requerem “restauração” por parte do Estado.

Sem dúvida, os presos devem “restaurar” o mal cometido, mas na experiência da APAC é evidente que para que esta restauração seja possível, é preciso em primeiro lugar restaurar o ser humano, o preso, a si mesmo. Este é o início de uma mudança real e não formal.

Recuperar a vida do prisioneiro é o início, portanto, uma mudança verdadeira na sociedade. Dessa recuperação pode nascer a reconciliação com a vítima, e em qualquer caso se rompe o ciclo vicioso de crime e do mal, permitindo a reintegração desses homens e mulheres para as suas famílias, para a vida da cidade.

Isto está além das teorias da justiça: é um fato verificável na experiência da APAC.

*Não basta parar de fazer o mal,
é preciso fazer o bem.*



"A JUSTIÇA RESTAURATIVA É QUANDO O PODER CONSTITUÍDO REPARA SUA PRÓPRIA CULPA, DANDO OPORTUNIDADE AO SER HUMANO, QUE SE EQUIVOCOU, PARA RECONSTRUIR SUA EXISTÊNCIA AINDA PRESO, ESTUDANDO, TRABALHANDO, ADQUIRINDO UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL, MELHORANDO SUA AUTOESTIMA E PERSONALIDADE E, ACIMA DE TUDO, ATRAVÉS DA RELIGIÃO, DESCOBRINDO DEUS, FONTE E SUSTENTO DE TODOS. [...]

DEVE-SE ENSINAR AO PRISIONEIRO A PEDIR PERDÃO E APROXIMÁ-LO DE SUAS VÍTIMAS, PARA QUE POSSA VIVER EM HARMONIA MESMO COM AS PESSOAS A QUEM UM DIA FEZ MAL AO IGNORAR AS REGRAS DO AMOR "

Mario Ottoboni

Seja solução, não vítima!

Justiça Restaurativa, uma abordagem inovadora

O CAMINHO PARA O PERDÃO

Um “recuperando” está pronto para voltar à sociedade quando percebe a necessidade de pedir perdão e de perdoar.

Mas esse não é um caminho fácil.

Todo o método APAC está voltado para isso: provocar a experiência de pedir perdão e de se sentir perdoado.

Através de todos os elementos da metodologia APAC, de maneira especial através do diálogo com os voluntários, dos encontros de “valorização humana”, do apoio psicológico ou das Jornadas de Liberação com Cristo, os “recuperandos” vão entrando nesse processo.

De modo geral, primeiro o “recuperando” procura justificativas para o mal cometido: “todos roubam, não apenas eu”, “ela me provocou”, “nós apenas vendíamos, eles que vinham para comprar”, “foi legítima defesa”... todo uma série de recursos para escapar do problema, para evitar ter que reconhecer a própria responsabilidade.

No entanto, quando finalmente consegue reconhecer o mal cometido, surge no preso uma nova exigência: chega a aceitar não apenas sua culpa, mas também que ele vale muito mais do que o pecado e o mal cometido.

“APAC não é uma fábrica, não é uma máquina que produz resultados em termos de reabilitação social, como se esse processo longo, doloroso e difícil fosse algo mecânico, que funciona prescindindo da liberdade das pessoas. Pelo contrário, é preciso muita paciência. Cada um tem o seu tempo. É o tempo de Deus”.

*Valdeci Antonio Ferreira
Diretor Executivo da FBAC*





ENCONTRAR A VÍTIMA: UM MISTÉRIO DE RECONCILIAÇÃO

Chega o momento em que alguns “recuperandos” pedem, através dos voluntários, para encontrar as suas vítimas. Isso acontece em bastantes ocasiões, ainda que muitas vezes as vítimas estejam tão feridas que não se encontram preparadas para um encontro desse tipo.

Dentro das prioridades da APAC está oferecer às famílias das vítimas um apoio psicológico e um acompanhamento que é muito difícil e até mesmo rejeitado muitas vezes. Esses encontros entre vítimas e condenados, porém, ocorrem com frequência, e são realizados dentro dos centros de detenção APAC, na presença de

muitas testemunhas. São belos momentos, de uma força extraordinária. Há muitas histórias que mostram como o perdão é uma realidade na vida de muitas pessoas, prisioneiros e vítimas.

Como o caso de Raimunda, mãe de um menino assassinado aos 17 anos de idade, que se tornou uma voluntária em uma APAC e mais tarde ocupou o cargo de presidente da APAC de Itaúna. Sem que ela soubesse, no centro onde ela começou a desenvolver seu trabalho voluntário, estava cumprindo sua pena o assassino de seu filho, com quem iniciou uma relação que parece impossível.

O texto a seguir é uma entrevista realizada com Raimunda:

A senhora perdeu o seu filho, que foi assassinado. Alguma vez imaginou que poderia encontrar o assassino do seu filho na prisão, uma vez que a senhora trabalhava lá como voluntária?

Não. Porque, desde o dia em que o meu filho foi morto, eu mergulhei em uma profunda reflexão e sempre pensava na família do assassino, sobretudo na mãe dele. Deve ser muito triste olhar para um filho com a consciência de que é um assassino. Quando entendi que o sofrimento daquela mãe era maior do que o meu, decidi perdoá-lo. Um dia, encontrei com ela na rua, nos abraçamos, e ela chorava sem parar. Eu, porém, naquele momento, não derramei uma lágrima.

Então conseguiu perdoar o assassino do seu filho?

Sim, nunca desejei para ele o mesmo mal. A única coisa que eu fazia era rezar por ele e pedir a Deus para perdoá-lo. O perdão me ajudou muito e reforçou ainda mais a minha fé nesse Deus maravilhoso. Claro que sinto a dor pelo meu filho, mas mesmo que eu odiasse o seu assassino, isso não o traria de volta à vida. Na APAC, aprendemos que o perdão é a essência do amor de Deus.





Do amor

"DO AMOR NINGUÉM FOGUE"

O que mais impressiona nessa realidade extraordinária que são as APACs é a dignidade com a qual os detentos vivem a sua condenação. Desde cedo, trata-se de um caminho longo, e não é fácil. Porém na medida que livremente os presos vão se introduzindo na dinâmica que gera a metodologia APAC, que percebem que realmente são tratados como homens e mulheres, vão recuperando confiança em si mesmos, e isso os permite aceitar o erro cometido enquanto vão entendendo, ao mesmo tempo, que seus delitos não devem determinar sua vida. Que sua vida está repleta de possibilidades para fazer o bem e ser feliz.

Para chegar a essa situação, é necessária a entrega gratuita de dezenas de pessoas em cada APAC. Pessoas que abracem toda a humanidade dos presos, buscando sem descanso fazer emergir a raiz boa de cada um dos "recuperandos", feita de desejo de ser feliz e de fazer feliz os outros.

Pode parecer paradoxal, mas a experiência APAC se apoia plenamente na liberdade de cada uma dessas pessoas que foram privadas de liberdade por uma sentença judicial.



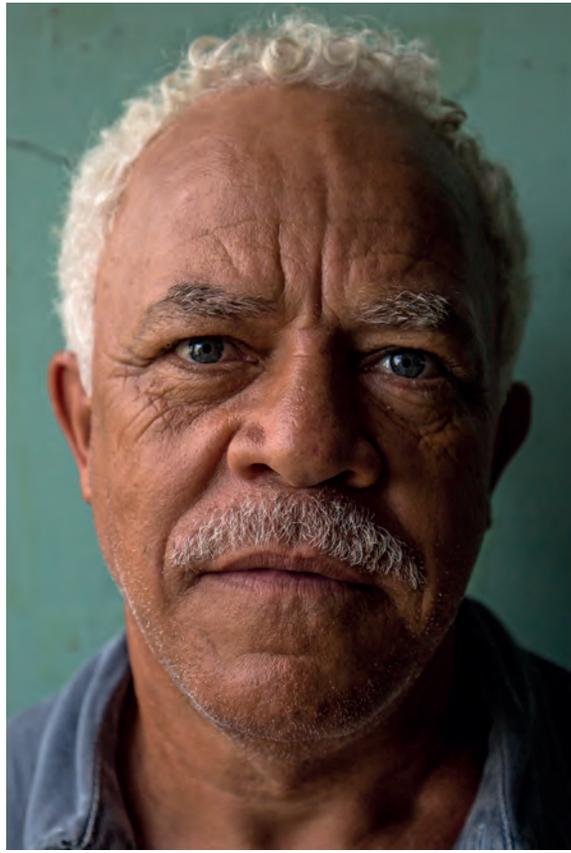
ninguém foge.

“Me lembro de um preso que chegou à APAC de Itaúna e cumpria uma pena de 40 anos, por crimes cometidos em várias jurisdições judiciais. Chegou a essa APAC porque nesse território havia cometido um crime pelo qual foi condenado. Era jovem, muito forte e não durava muito em nenhuma prisão, fugia de todas.

Estava já no seu segundo ano na APAC e nunca tinha escapado dessa cadeia. Um jornalista que cobria assuntos do Tribunal de Justiça foi a essa APAC para fazer um vídeo institucional e perguntou-lhe: “José – esse era seu nome – você fugia de todas as prisões onde havia agentes penitenciários para impedi-lo, e estranhamente daqui da APAC você nunca tentou fugir. Por que isso?”

José deu uma das respostas mais emblemáticas que já escutei na vida: “Porque do amor, ninguém foge”.

*Paulo Antônio de Carvalho
Juiz de Itaúna há 30 anos*



MISERICÓRDIA E JUSTIÇA

“Com a misericórdia e o perdão, Deus vai além da justiça, a inclui e a supera numa dimensão superior na qual se experimenta o amor, que é o fundamento de uma verdadeira justiça. [...] Com a misericórdia, a justiça é mais justa, realiza-se realmente a si mesma. Isso, porém, não significa ser condescendente, no sentido de escancarar as portas das prisões para quem cometeu crimes graves. Significa que devemos ajudar a não permanecer por terra aqueles que caíram. É difícil colocar isso em prática, porque às vezes preferimos trancar alguém numa prisão por toda a vida em vez de tentar recuperá-lo, ajudando-o a se reintegrar na sociedade”.

Papa Francisco,
O nome de Deus é Misericórdia.
Uma conversa com Andrea Torielli



